

Desoladora desesperança

MARCELO DE PAIVA ABREU*

O País está tomado por desesperança sem precedentes pelo menos desde o início dos anos 90. Embora a crise na economia jogue um papel significativo para explicá-la, as causas abarcam a percepção de que há uma aguda crise das instituições em meio à corrupção generalizada, o que se vê é um Executivo inepto, desmoralizado e acuado e um Legislativo com legitimidade comprometida por abusos eleitorais. O temor é de que o ruim seja substituído pelo péssimo. A crise econômica poderá, mal ou bem, ser contornada em um par de anos. Mas a eventual superação da crise institucional seguramente requererá prazo mais longo.

Entre as comparações históricas que fazem sentido há um parentesco próximo com as agruras enfrentadas pela Sicília, julgada por muitos de seus maiores intelectuais como inexoravelmente fadada ao atraso, à corrupção e ao crime. Tomasi di Lampedusa, em seu famoso romance póstumo *O Leopardo*, de 1957, colocou na boca do príncipe de Salina, personagem principal do livro, juízos de grande pessimismo sobre a ilha: “Os sicilianos não querem melhorar porque se julgam perfeitos (...) sua vaidade é maior do que sua miséria (...) a Sicília quer dormir (...) porque deveria escutar (*as críticas*), se é perfeita? (...) qualquer intervenção (...) come o risco de estragar a prazerosa espera do nada”. Comentários argutos ofuscados pela sempre citada frase de outro personagem do livro, Tancredi, “para que as coisas fiquem no mesmo lugar, é preciso mudar tudo”.

Lampedusa era um príncipe e, como tal, visto com desconfiança pelos plebeus da ilha tais como o também grande Leonardo Sciascia, autor de vários livros, como *O dia da coruja*, de denúncia da máfia e de suas ramificações. Jovem comunista, Sciascia criticou duramente, ainda na década de 1950, a visão pessimista sobre o futuro da Sicília que marca o livro de Lampedusa. A ideia de que a Sicília desafiava qualquer conserto resultaria da equivocada interpretação lampedusiana da sua história.

Com o correr do tempo Sciascia, no final dos anos 70, arrependeu-se e tratou de repudiar a sua antiga crítica. “Lampedusa estava certo e nós estávamos errados (...) há escassa esperança de um futuro radiante para a Sicília (...) a Sicília não acredita nas ideias, tornou-se uma metáfora, ao acreditar que as coisas jamais poderão ser diferentes do que São agora”.

Embora seja tentador, no Brasil de hoje, adotar o pessimismo lampedusiano, endossado pelo Sciascia maduro, devemos resistir a tal tentação. O Brasil superou situações muito difíceis no passado, também marcadas por momentos de grande desesperança. Superou o arranjo antidemocrático da República Velha. Superou a ditadura do listado Novo varguista. Superou a ditadura militar, restabelecendo e ampliando as regras da democracia. Superou a desmoralização institucional e a persistência da inflação alta, combinada à estagnação econômica, na esteira do governo Collor.

A despeito da espantosa roubalheira e da mediocridade do atual governo, o Brasil de hoje é melhor do que o Brasil do passado. Não me canso de lembrara sabedoria de meu pai, sempre

pronto a temperar o meu eventual pessimismo com a lembrança de que, mesmo com o Brasil em crise, não deveríamos ter ilusões: o passado havia sido bem pior do que o presente. De fato, alertava para não confundir tendência de longo prazo com flutuações em torno da tendência.

Urge virar o jogo. Dessa perspectiva, é desanimadora a inação da oposição diante da moribunda coalizão liderada pelo PT. Sua estratégia de protelação e negaceio parece singularmente ineficaz. A oposição parece estar sangrando junto com o governo e o País.

Enquanto isso, para minorar o desalento e manter acesa a crença no Brasil que pode dar certo, vale a pena assistir às entrevistas de Cleonice Berardinelli, glória maior da Academia Brasileira de Letras, ou ouvir o grande violoncelista Antônio Meneses.

* Doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é Professor Titular no Departamento de Economia da PUC-Rio.